

Comissão de Ciência e Tecnologia. Portanto, na área do Legislativo, o interesse é extraordinário. No lado do Executivo, nada podemos falar. Há também algum interesse da parte do Ministério da Aeronáutica, que enviou um observador ao I Simpósio Internacional de Ufologia de Curitiba.

P — Qual a importância que se pode atribuir ao simpósio?

R — Estimulou os pesquisadores, principalmente devido à presença do prof. Hinek.

P — Concomitantemente com o desinteresse oficial, existe um grande interesse da parte de grupos amadores, parapsicólogos e integrantes de sociedades místicas em relação aos UFOs. Como estão as coisas nessa área?

R — Razoavelmente bem. Embora as pessoas não disponham de grandes recursos e tenham as limitações correspondentes. Merecem, porém, destaque, entre outros, os nomes de H. Brandt Alxeixo, Irene Gondin e F. Pereira.

P — Qual a principal atividade de seu grupo ufológico, em Brasília?

*R — Procuramos pesquisar diretamente, comparecendo ao campo e aguardando os acontecimentos, embora isso não queira dizer que nos entreguemos ao acaso. Fomos informados da ocorrência de fenômenos em uma fazenda e passamos a freqüentá-la. Trata-se da Vale do Rio Douro, nas proximidades de Alexamai, em Goiás. Depois de alguns meses de persistente observação, os fenômenos eclodiram, sucedendo-se de maneira interessantíssima. As coisas foram cumulando, até diminuírem. Muitos estão interessados, apenas, nos aspectos espetaculares. Nós continuamos a insistir e assim obtivemos fotos mais consistentes, uma documentação que constitui nosso primeiro livro *A Parapsicologia e os Discos**

Voadores. Nele descrevemos a ocorrência de fenômenos extraordinários, como a “luz curva”, “luz dimensionada”, ou seja, um objeto formado de luz, objetos flutuando sobre a floresta, objetos que aparecem e desaparecem.

Ao lado desses, surgiram muitos fenômenos de caráter parapsicológico (há muita conexão entre a ufologia e a parapsicologia).

P — Ao que o sr. atribui esse boom de ufologismo, no mundo contemporâneo?

R — O ser humano é essencialmente curioso. A humanidade parece estar chegando ao ponto de amadurecimento, o que permite a abertura de novas perspectivas. Além disso, os UFOs são um fato real.

P — Isso pode significar uma transformação no próprio homem?

R — Pode significar, sim. Essa busca de realizações maiores contém em si o sentido de transformação interior. É evidente que esses seres extraterrenos estão acima de nós, no campo técnico, científico, e no conhecimento que o homem pode aspirar a chegar até lá, algum dia.





Irmão
Zacchini
viveu oito anos
entre os índios
Yanomamis.
Esta tribo
não acumula
riquezas,
comidas,
nada. Aqui
estão os rituais
de um povo
que era feliz.

*Por Antonio Zago
Fotos de Claudia Andujar*

Na época da lua
nova, os Yanomamis
celebram a
festa da pupunha



24/As civilizações que desaparecem

Quando a lua nova surge no céu claro de Roraima, os índios yanomamis se reúnem para uma festa. Se for maio, será a festa da pupunha, nome de uma palmeira que dá frutos saborosos. As aldeias vizinhas são avisadas com antecedência por um mensageiro rápido. No dia marcado, os convidados chegam enfeitados, com os corpos cobertos de plumas, cantando, e são recebidos com danças e muita comida. Depois, os anfitriões mostram o local onde as redes devem ser estendidas. Alguns chegam um ou dois dias depois. Isso não tem importância, pois a festa dura vários dias. Durante todo o período da festa, de dia, os índios se dedicam às atividades normais. Antes, porém, eles deixam toda a comida pronta: carnes, peixes, frutas — menos a pupunha, que deve ser colhida diariamente. Todos os dias há mingau de pupunha ou banana. Esse mingau é colocado em uma enorme canoa de casca de árvore com 150 a 200 litros. O índio chega com sua cuia, a maior que conseguir, experimenta para ver se esta bem doce e a oferece para seu vizinho. Os índios são muito brincalhões e sempre escolhem uma vítima. Vão três ou quatro de uma vez e lhe oferecem mingau. Como ninguém pode recusar presente, o escolhido é obrigado a tomar todo o mingau recebido. São quatro ou cinco litros que rendem algumas horas. O eleito vai ingerindo aos poucos o líquido grosso, senta-se, continua, até a barriga ficar completamente inchada, dura como pedra. Acontece às vezes de o índio vomitar. Isso não é nada e ele deve continuar com seu mingau. Tomar tudo é uma questão de honra, uma espécie de desafio. Os demais ficam por perto, rindo. A comilança é o único acontecimento importante do dia. É à noite, iluminados pela fogueira,

que eles cantam e dançam.

Em uma noite, apenas as mulheres dançam; na outra, os homens. Certas ocasiões, as mulheres cantam e dançam até meia-noite, e depois vêm os homens, que ficam até o amanhecer. São raras as festas em que homens e mulheres dançam juntos. Isso nada tem a ver com o pudor. Apesar de o sexo ser permitido apenas dentro do casamento, eles gozam de uma liberdade extrema. Mais que liberdade: espontaneidade ilimitada. Os casos de adultério são raríssimos e, quando acontecem, não são levados muito a sério. A mulher leva uma surra do marido, e em seguida ela deve escolher com qual dos dois quer ficar.

Durante as festas, os casais podem ser trocados, desde que as mulheres consentam. O amigo da aldeia vizinha chega e pede ao amigo anfitrião para deitar com sua mulher.

**Os índios conversam
com os espíritos dos mortos**

O marido consulta a esposa e, se ela concordar, a troca é efetuada. Tudo alegremente, em clima de festa, ao som das melodias lineares e do arrastar dos pés nas danças de coreografia simples.

Três dias antes do encerramento da festa, as mulheres se reúnem para ralar mandioca. No dia seguinte, elas espremem o produto que é colocado para secar. No terceiro dia, fazem beijus para os convidados.

A festa termina com toda a suntuosidade de um ritual religioso — a despedida. Nessa noite apenas os homens cantam e dançam. As mulheres assistem. Quando todos estão embalados pelo ritmo da música, o chefe distribui um pó, o *yakoan-a*, que é o mesmo usado nas pontas das flechas, só que preparado de maneira diferente. Eles colhem vá-

riãs plantas e preparam as duas fórmulas mágicas: uma líquida e venenosa; outra em pó, como o rapé, para o ritual religioso.

Ao cheirar o *yakoan-a*, os yanomamis ficam alegres, exuberantes, amistosos: correm, pulam, dançam e suam muito. De repente, a aldeia toda se transforma como se estivessem representando cenas dantescas. Alguns não resistem, caem e ficam no chão babando até passar o efeito. Durante esse estado, os índios conversam com os espíritos dos mortos que são iguais aos seres vivos, só que de estatura menor. Esse diálogo é uma transação comercial. Eles sempre pedem algo. Às vezes, a discussão índio-espírito se transforma em uma agressão terrível. O índio vai até a maloca, volta armado e começa a atirar flechas para o ar, tentando atingir o espírito.

Em dado momento, todos se abraçam, formam um grupo compacto e vão cantando e dançando até o canto da maloca onde tenha morrido algum índio recentemente. Lá, o parente deve ter guardada uma cabaça com as cinzas do morto. Eles quebram a cabaça, jogam os cacos no fogo, misturam as cinzas no mingau e comem alegremente. Se isso não for feito, o espírito do morto não se liberta, permanecendo na Terra.

Enquanto todos conversam com os espíritos, depois de comer mingau com cinzas, o pajé vai passeando entre os índios curando os doentes. O ritual é o mesmo que ele realiza para as curas normais; só que a ocasião é considerada mais propícia. O efeito do *yokoan-a* dura algumas horas e não vicia. Tanto assim que é usado apenas para cerimônias religiosas.

Quando o efeito começa a passar, os índios vão se abraçando, trocando promessas, fazendo convites. Cada abraço é um dueto rapidíssimo com frases de três ou quatro

palavras.

Quando o efeito passa totalmente, eles vão juntos até o rio mais próximo e tomam um banho. Depois voltam, desmancham o monte de carne assada, distribuem com beijos para os convidados que vão embora, calados, enquanto o Sol vai surgindo no horizonte.

Um missionário católico no paraíso yanomami

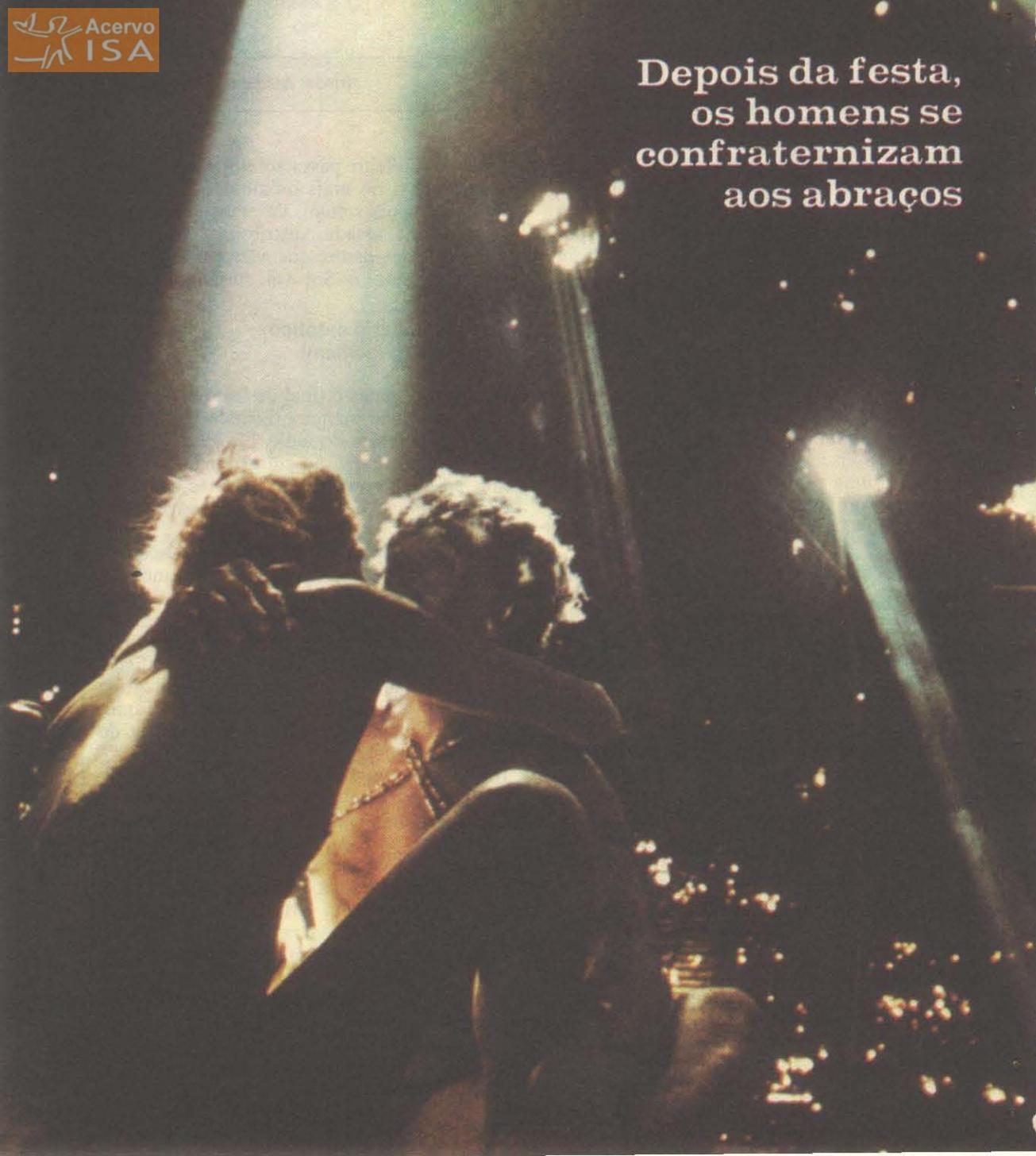
Dizer que apenas o final da festa é um ritual religioso é uma maneira didática para se entender o universo do índio. Na verdade, para eles não existe divisão entre religião, economia, educação ou cultura. Tudo se confunde com a vida e a religião é o próprio cotidiano.

Quem diz isso é o irmão Carlo Zacquini, missionário da Consolata, há oito anos vivendo entre os yanomamis: "Apesar de possuírem a cultura material mais atrasada da região amazônica, os yanomamis possuem uma metafísica sofisticada, onde a religião e o cotidiano se confundem e se integram harmoniosamente. Claro que existem rituais, mas a religião é a própria sobrevivência do indivíduo e do grupo".

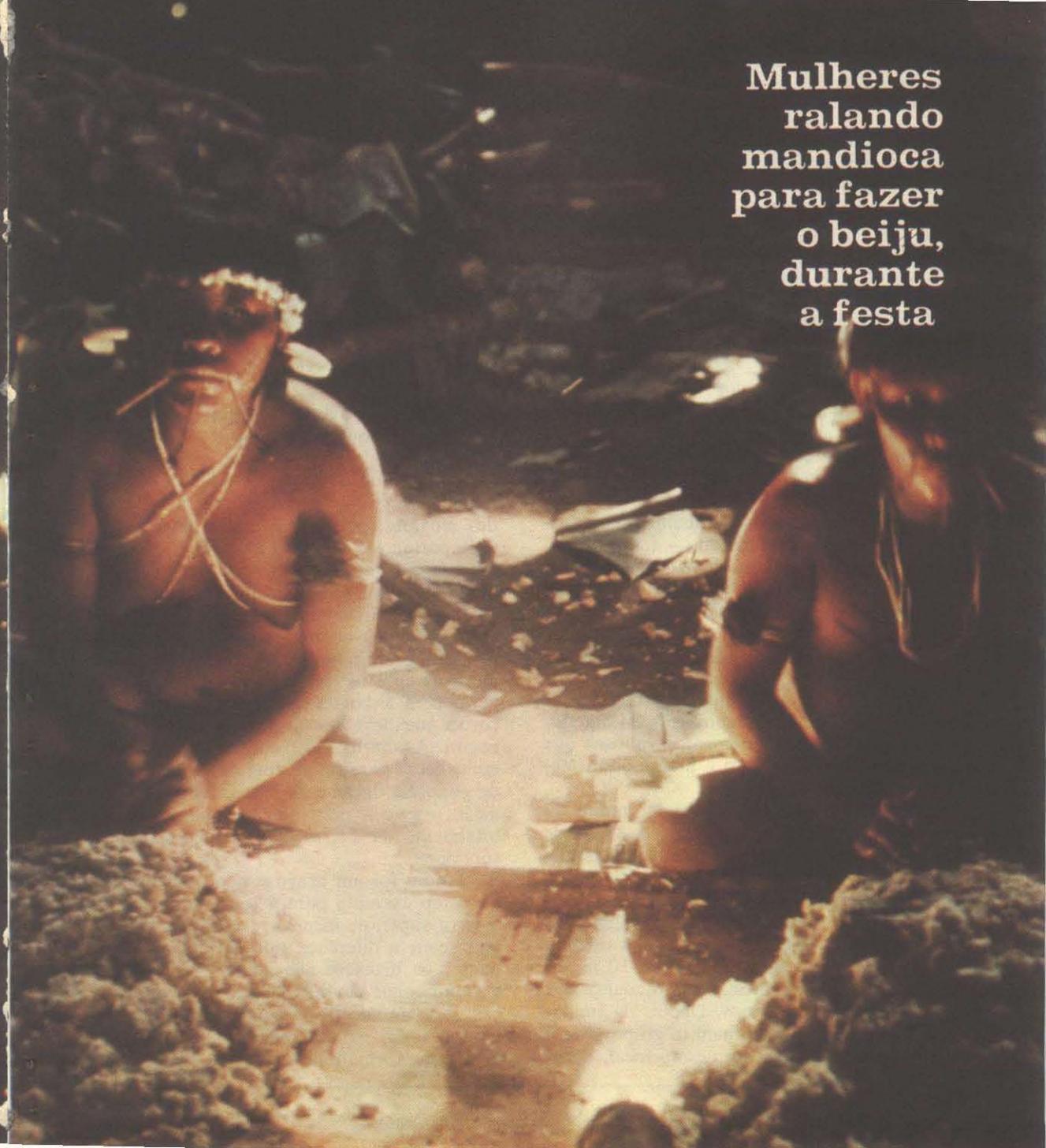
Irmão Zacquini é missionário e não evangelizador. Em oito anos, ele nunca celebrou uma cerimônia pública. Isso é feito sempre na solidão e silêncio da sua cabana. Sua missão consiste em dar assistência de saúde aos índios, ajudá-los no aperfeiçoamento da sua própria cultura, ensinando-lhes o aproveitamento da terra através de uma agricultura racional, promovendo o que de melhor existe na cultura indígena e preparando-os para o inevitável encontro com o homem branco.

Irmão Carlo Zacquini é italiano e se formou em Turim. Até os dezesseis anos, fre-

Depois da festa,
os homens se
confraternizam
aos abraços



Mulheres
ralando
mandioca
para fazer
o beiju,
durante
a festa



qüentou uma escola pública, e depois entrou para o seminário, onde se especializou em artes mecânicas.

Após trabalhar alguns anos na Itália, veio em 1965 para o Brasil, indo diretamente para Roraima.

Os yanomamis formam um grupo cuja população vai de 6 a 12 mil indivíduos, distribuídos pela região compreendida entre os rios Catrimani e Orenoco (Brasil e Venezuela).

Alegres e despreocupados, esses índios eram talvez o último grupo que ainda não tinha tido contato algum com o branco. A missão no Catrimani foi fundada pelos padres missionários Bindo Meldolesi e João Calleri (massacrado em 1968 pelos atroaris). Mesmo tendo encontrado o trabalho mais difícil — atração e pacificação — feito, o contato do irmão Zacquini com os yanomamis foi muito difícil, pois eles falam uma língua completamente diferente dos demais índios do Brasil.

Um dos principais problemas da missão é a falta de pessoal. A precariedade das condições econômicas e o ambiente rude e pouco saudável (irmão Zacquini teve 24 ataques de malária) afastam elementos valiosos que poderiam estar ajudando e pesquisando melhor os índios.

Assim mesmo deu para aprender muito da arte de viver dos yanomamis. A visão de mundo deles é simples, essencial, necessária. Jamais produzem o supérfluo, não acumulam e são felizes. Quando existe abundância fazem festas; quando os alimentos escasseiam e a caça desaparece, eles mudam para outra região, em um raio de 10 ou 20 quilômetros de distância. Essa mudança era feita a cada quatro anos. Depois da fundação da missão do Catrimani, o grupo já está há mais de dez anos no mesmo local, apro-

veitando o solo. Irmão Zacquini fez vários estudos entre os índios, em suas horas de folga: língua, religião, mitos, costumes. Ele pretende editar um livro com as fotos da sua amiga Claudia Andujar. Mas, para chegar até os segredos dos yanomamis, ele precisou ganhar confiança e, para isso, teve de aprender sua língua. Juntamente com o padre João Batista Saffirio (que continua na missão Catrimani) escreveu um dicionário yanomami-português com 1 200 palavras.

Uma espécie de antropofagia requintada, porém piedosa

É muito difícil descrever a religião dos yanomamis sem usar como referencial as grandes religiões, pois existe muito em comum. O importante é a crença na permanência de algo depois da morte. Prova disso é o ritual dos mortos que eles realizam.

Ao morrer, o yanomami é colocado em um cesto de cipós ou de folhas de palmeira e pendurado em uma árvore, onde permanece até ficar com os ossos limpos. Passado esse período, a tribo vai até o local, retiram o corpo que deve ser queimado em uma fogueira. As cinzas são recolhidas e colocadas em cabaças para serem comidas com mingau de pupunha durante as festas. Essa é a condição essencial para que o índio se liberte totalmente da Terra, indo para um mundo superior.

Se o índio foi um bravo e pode ser apontado como exemplo para a tribo, ele vai para a terra superior, idêntica a esta que habitamos, com a diferença que lá tudo é abundante: os macacos são gordos, as bananas e as pupunhas são doces e não existem doenças. Esse mundo fica acima da Lua. É onde moram todos os yanomamis que marcaram de alguma forma a história do seu povo. São

seres lendários.

Mas existe também um mundo inferior, para onde vão os maus. Esse é um lugar de sofrimento e serve como ameaça. Não que isso implique uma noção de pecado. Os yanomamis acreditam que todos são bons. A avareza, por exemplo, é um defeito e os avarentos vão para o mundo inferior. Mas eles costumam dizer que não existe um único yanomami avarento. É como se o pecado não existisse.

Além de acreditar em algo que permanece e emigra após a morte, os yanomamis acreditam em algo bem próximo da alma no sentido de *anima*: animais, árvores, rios e montanhas também possuem um espírito. Além da alma, cada índio nasce com um duplo, espécie de *alter ego*, que morre com o indivíduo.

O controle da natalidade é uma necessidade natural

Ao nascer uma criança, tanto a mãe como o pai devem fazer um regime alimentar. Determinadas caças, peixes e frutas ficam proibidos por algumas semanas. Por outro lado, a mãe deve amamentar a criança até os dois anos e meio de idade. Nesse período, a mulher raramente engravida. Se engravidar, ela deve matar a criança. O parto — e mesmo o aborto — acontece longe da maloca, e os demais moradores nem ficam sabendo. A mulher se isola com uma outra, geralmente a própria mãe, que lhe dá assistência.

Para quem está fora do universo do índio, o fato de a mãe matar um recém-nascido pode parecer chocante. Mas esse controle é uma necessidade natural. Como a alimentação não é das mais ricas, a criança deve ser muito bem amamentada para crescer forte e saudável. E a seleção natural: só os fortes

sobrevivem. O meio em que eles vivem é dos mais difíceis e a população deve ser muito bem controlada. Todas as índias conhecem uma batatinha colhida no mato e que é um eficiente anticoncepcional. Mas eles também conhecem afrodisíacos delirantes.

Na puberdade, a mulher passa por um ritual iniciático. Durante a primeira menstruação, a menina é escondida na maloca (cada maloca abriga várias famílias) e colocada em uma cabana isolada, feita com folhas de naja e sororoca. Por um período de cinco dias, ela deve ficar sentada no chão, perto do fogo, sem fazer nada. A cabana é muito bem fechada e ninguém pode vê-la. Até as necessidades devem ser feitas à noite, escondida. Quem dá a assistência nesse caso também é a mãe. É ela quem lhe transmite alguns conhecimentos importantes e lhe traz a comida, segundo uma série de proibições. Se a menina for vista por algum homem durante sua primeira menstruação, isso pode provocar temporais violentos, inundar as plantações e estragar as frutas e as caças. Após a primeira menstruação a mulher é considerada adulta e, em 98% dos casos, ela se casa um mês depois. Na verdade, o casamento já estava feito, pois ela é prometida desde o nascimento. O casamento não é acompanhado de ritual. A mulher simplesmente se muda para a maloca do seu prometido.

Se a menina ficar órfã antes da primeira menstruação, ela é entregue ao seu futuro esposo, que deverá criá-la até poder tomá-la como esposa.

A maturidade masculina é medida por uma série de outros detalhes. Ao começar a falar grosso, o índio já é considerado adulto. Mas só quando tiver auto-suficiência na caça e uma roça produtiva é que ele poderá casar.



O velho
índio sabe
do perigo:
o homem
civilizado
chegou

Se não fizer roça, isso significa que não tem condições para o casamento e poderá ficar solteiro. A roça é muito importante, pois além da mulher e dos filhos ele pode eventualmente ter de alimentar os pais da mulher. Sua responsabilidade é, portanto, muito grande.

Um herói verdadeiro com cinco mulheres

A poligamia é permitida entre os yanomamis. Mas, para o indivíduo ter mais de uma mulher, ele deve ser dotado de qualidades excepcionais: capacidade de trabalho gigantesca, autoridade marcante, vocação para o amor muito bem delineada. Resumindo: é muito difícil encontrar yanomami com duas mulheres. Mas existe na região do Catrimani um chefe que mantém cinco esposas. Um herói autêntico.

Quando um yanomami morre, a tribo se encarrega do ritual fúnebre, e a viúva deve ir varrer os principais lugares que o marido frequentou. Depois disso, ela pode voltar a se casar. Às vezes até com um garoto. É que os casamentos entre os yanomamis não são casuais e sim preferenciais. Quando existe parentesco entre um homem e uma mulher (principalmente primos cruzados) o casamento é considerado prioritário.

Pode acontecer também de um homem não ter primas, nem parentes próximos ou distantes, e chegar aos trinta anos sem mulher. É quando viúvas e velhas entram em ação. O balanço geral mostra que é muito difícil encontrar índio solteiro. Quando isso acontece, a tribo inteira se empenha em resolver o problema do infeliz. Foi o que aconteceu com o irmão Zacquini que, depois de ter sido aceito pela tribo, percebeu que estavam criando uma menina para ele. Explicar o

voto de castidade para um yanomami é como tentar explicar a um universo sem pupunha. Irmão Zacquini teve que se valer de toda a sua diplomacia junto aos pajés para que a menina se casasse com um bravo guerreiro. Ao contar essas histórias, irmão Zacquini fala com emoção e saudade. É que ele está voltando para a Itália, pois foi chamado pela sua missão. Mesmo que volte para Roraima um dia, ele sabe que não encontrará mais o povo feliz que deixou na selva. A estrada Perimetral-Norte acaba de chegar ao lugar onde deveria ser o Parque Yanomami, pelo qual ele sempre batalhou.

Ao deixar a missão do Catrimani, uma epidemia de sarampo fazia as mulheres abortar; surge e cresce assustadoramente o índice de doenças da pele e de doenças venéreas: o homem civilizado chegou.

Irmão Zacquini parte triste, depois de ter trabalhado anos a fio para que a Perimetral passasse pelo menos a 100 quilômetros de distância do local onde os yanomamis se radicaram. A estrada está sendo construída a apenas 3 quilômetros de distância. Algumas índias se entregam para os trabalhadores da estrada (elas não têm noção de pecado) e os índios ganham painéis de alumínio em troca da sua força de trabalho (eles acreditam que todos são bons). Assim eles deixam de fabricar sua tosca cerâmica que produziam sabe-se lá há quantos séculos ou milênios.

Magro, pálido pelos ataques constantes da malária, irmão Zacquini volta para a Itália, rezando para que quando a lua nova surgir no céu claro de Roraima no próximo mês de maio, os yanomamis possam ter uma festa abundante, com macacos gordos, muitos beijos e bananas bem doces. Talvez seja a última festa da pupunha. Se ainda houver pupunha.